

**UNIT – UNIVERSIDADE TIRADENTES  
PROEAD – PRO-REITORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA  
POLO DE MONTE ALEGRE DE SERGIPE  
CURSO: LETRAS – LICENCIATURA PORTUGUÊS**

**A QUESTÃO SOCIAL NA OBRA “VIDAS SECAS” – GRACILIANO  
RAMOS**

Alunas:  
**LIMA, Sandra Alves Rosa Costa  
SANTANA, Magalene Alves  
SILVA, Edilma Alda da**

Tutora: **SOUZA, Daniela**

**Monte Alegre de Sergipe – SE  
2009**

## **A QUESTÃO SOCIAL NA OBRA “VIDAS SECAS” - GRACILIANO RAMOS**

Publicado em 1938, *Vidas Secas* aborda a problemática da seca e da opressão social no Nordeste do Brasil. A obra supramencionada relata parte da história de uma família de sertanejos pobres, castigados pela dureza das freqüentes secas. Vivem como nômades, transpondo-se de cidade em cidade sempre que a estiagem se instala e varre impiedosamente todos os sinais de vida animal, terra e endurece o chão, seca os mínimos reservatórios superficiais de água.

“O sentimento da terra nordestina é o fio condutor da narrativa, materializado nos ásperos e cruéis embates do homem com a natureza e a região”. (MORAES, 1992, p. 163)

A trama do livro inicia-se com uma imagem desolada e sofrida do sertão nordestino, onde as personagens caminham, a definhar de fome e de sede.

A obra de Graciliano Ramos pode ser considerada um marco para a literatura brasileira visto que há a implícita crítica social a toda pobreza do sertão e sertanejos. Esse romance retrata fielmente a realidade brasileira não só da época em que foi escrito, mas como nos dias atuais, tais como: injustiça social, miséria, fome, desigualdade, seca, o que nos remete a idéia de que o homem se animalizou sob condições sub-humanas de sobrevivência.

Pode-se dizer que *Vidas Secas* é uma obra que tenta sensibilizar o leitor para as causas sociais, utilizando como instrumento a palavra escrita. Ler *Vidas Secas* é conhecer um pouco do sertão nordestino e conviver com Fabiano e sua família, questionando o porquê de tanta injustiça social.

Os problemas sociais existem em todo o Nordeste, mas a culpa pela miséria sempre recaiu sobre o fenômeno das secas. Para o nordestino, seca e catástrofe social são sinônimos, na região a seca está intimamente associada à penúria, à fome e ao êxodo rural.

A tragédia da seca encobre interesses escusos daqueles que têm influência política

ou são economicamente poderosos, que procuram eternizar o problema e impedir que ações eficazes sejam adotadas. Estas regiões ficam na dependência de ações públicas assistencialistas que nem sempre funcionam, e, mesmo quando funcionam, não gera condições para um desenvolvimento sustentável. O desemprego também é muito elevado, provocando o êxodo rural – saída das pessoas do campo em direção as grandes cidades, fugindo da seca em busca de melhores condições.

Tal situação se evidencia no romance *Vidas Secas* quando as personagens na condição de flagelados retirantes dormem no leito seco dos rios, atormentados pela fome, sede e cansaço. Eles têm suas possibilidades de vida e de realização bloqueadas tanto pela natureza adversa como pelos limites impostos por aqueles que detêm alguma forma de poder: “o dono da fazenda” o “soldado amarelo” e o “funcionário da prefeitura”, que os humilham e fazem com que se sintam animais pelas condições em que vivem.

“Comparando-se aos tipos da cidade, Fabiano reconhecia-se inferior. Por isso desconfiava que os outros mangavam dele. Fazia-se carrancudo evitava conversas. Só lhe falavam com o fim de tirar qualquer coisa. Os negociantes furtavam na medida, no preço e na conta. O patrão realizava com pena e tinta cálculos incompreensíveis”. (RAMOS, 1997, p. 76)

A questão da seca não se resume a falta d’água. A rigor, não falta água no Nordeste. Faltam soluções para resolver a sua má distribuição e as dificuldades do seu aproveitamento.

A seca se manifesta na redução da produção agropecuária, provoca uma crise social e se transforma em um problema político. No âmbito político, ela é muitas vezes usada para explorar o sofrimento e a miséria das comunidades rurais. O fenômeno das secas ensejou o surgimento de um fenômeno político denominado indústria da seca. Alternativas existem, mas apresentar soluções significa abdicar dos benefícios da indústria de votos em que as populações pobres do Nordeste têm se tornado. Mas se houver seriedade política o nordestino não precisará mais abandonar a sua terra natal para escapar do flagelo da fome. Vários estudos mostram que o Nordeste é viável, basta investir-se em obras até certo ponto

simples, como a exploração de vários lençóis de água subterrâneos.

A seca que tanto castiga não significa só a falta d'água, ela está atrelada a fome, a miséria, a injustiça social e a desigualdade, tornando os sertanejos já tão massacrados, vítimas do descaso social e da exploração humana: como se não bastasse tanta penúria para judiá-los, ainda depara-se com as forças do poder que os abatem e fazem com que se sintam cada vez mais inferiorizados.

Em “Vidas Secas” pode ser percebido que existe uma distância muito grande entre o sertanejo, no caso de Fabiano, e as pequenas instituições sociais que representam o governo. Um bom exemplo disso é o dia em que Fabiano, para suprir suas necessidades, vai a cidade tentar vender um porco. Nesse momento surge um fiscal da prefeitura para cobrar-lhe o imposto sobre a mercadoria, como Fabiano desconhecia o que era imposto ficou indignado, julgava que podia dispor dos seus troços. Não entendia de impostos.

Essa distância é acentuada e transformam-se em total falta de comunicação quando Fabiano é preso, injustamente. Ele não consegue defender-se, por meio de palavras, das acusações que o soldado amarelo faz e acaba passando a noite na cadeia. Aqui vale ressaltar que a cor amarela além de simbolizar o desespero, ódio e raiva representa o poder militar.

Fabiano era um bruto, nunca havia aprendido, não sabia explicar-se. Estava preso por isso? Então se mete um homem na cadeia porque ele não sabe falar direito? O agente se aborrecia, insultava-o, e ele se encolhia e ainda dizia que “*Deus o livrasse de história com o governo*”.

Graciliano Ramos representa seus personagens se aprofundando na construção da fisionomia dos gestos e do ser do homem nordestino. Embora tenham certa identidade quanto à concepção do mundo em que vivem e da sociedade, situam-se entre extremos. De um lado um mundo aberto às realidades materiais, amorosas, violentas, e políticas e de outro uma comunidade hostil, agressiva e fechada a novas possibilidades, denunciando um número

significativo de pessoas que de uma forma ou de outra não dominam a linguagem verbal de maneira tão expressiva quanto deveriam e acabam tornando-se inferiores, oscilando entre o ideal que procuram e a realidade que vivem.

Sobre isso escreve Marilene Felinto, no Posfácio da 97ª edição:

“Fabiano e sua família intuem que somente o domínio de uma linguagem pode levá-los a compreender a natureza hostil e a enfrentar de modo menos desigual os falantes da cidade, o patrão, a autoridade injusta do soldado amarelo que os rejeita, os oprime, os explora e humilha. (...) O desafio da família é decifrar o mistério dos códigos, é dominar o universo dos signos que transformam o outro (...) em poderosos seres de linguagem. A linguagem é para eles um ser tão poderoso quanto à seca. (VIDAS SECAS, 2003, p. 136)

O romance – *Vidas Secas* possui uma linguagem compatível com todo processo de construção do texto: desde sua adequação às situações expressas no contexto, até o nível da fala de seus personagens. As frases curtas traduzem a objetividade do autor em expressar a seca em que vive o sertão nordestino. Nota-se ainda uma consonância entre linguagem e nível sócio-cultural, que se evidencia na forma como é produzida a fala de Fabiano, sem nenhuma instrução, não se comunica através de frases desenvolvidas, mas de expressões monossilábicas, nesse sentido, linguagem e contexto estão intimamente ligados, buscando expressar clara e objetivamente a realidade de muitos que vivem como Fabiano e sua família.

“Não é difícil que o leitor se apiede desses seres sofredores, injustiçados, criados na rudeza dos cocorotes, cascudos e puxavantes de orelha, acostumados a incomunicabilidade dos bichos (como se desgraças grandes ou dores fortes demais não encontrassem expressão possível na linguagem humana), quase resignados a seu vocabulário mingado, a viver trocando sons guturais, gestos e mímica”. (BOSI, 1994, p. 528)

As desigualdades apontadas na obra de Graciliano Ramos não eram somente econômicas, mas também intelectuais. A injustiça social atravessa como um grito a cortina de silêncio e faz-se a voz dos personagens emudecidos. É o meio que arrasta para desagregação os destinos de Fabiano e sua família. A seca e a pobreza calam Fabiano, como se ele não tivesse direito nem a um pedaço de terra nem a uma linguagem. Por ser um homem sem instrução, é vítima de todo tipo de exploração, a começar pelo patrão, que lhe toma quase

todo dinheiro na hora em que está negociando a compra de gado; depois, vem o episódio do soldado amarelo que, num abuso de autoridade o prende sem nenhum critério. Assim, a situação o conduzia a uma espécie de degradação humana, o que o tornava num ser objeto, sem nenhuma importância “*Fabiano, uma coisa da fazenda, um traste, seria despedido quando menos esperasse*”. Além disso, ele não se aproximava dos homens, pois tinha dificuldades de se expressar, fato que o fazia sentir-se inferior aos outros. Por outro lado, mesmo negando a sua condição humana “*você é um bicho, Fabiano*”, possui um desejo forte e poderoso, que é o de viver, na sua inocência.

A animalização das pessoas também pode ser percebida nas atitudes praticadas pelos personagens. Isto para eles era motivo de orgulho. “*Um bicho, capaz de vencer dificuldades*”.

“Fabiano era o movimento que não fazia parar a estrutura das relações sociais que o fixavam no latifúndio. As relações de poder no latifúndio eram tão violentas que Fabiano se compara à engrenagem de um engenho. O latifúndio, mantém a estrutura das relações de exploração em um nível próximo do humanamente insuportável, reproduzindo homens e mulheres da mesma forma que reproduz animais”. (MAGALHÃES, 2001, p. 84)

Em contraponto a tudo isso surge a alegre cachorra Baleia que é humanizada e, de certa forma, é tratada como um membro da família, especialmente para os meninos que a transformam numa espécie de irmã e buscam junto dela aconchego para superarem suas tristezas e aflições. Mas ela também recebe trancos e pontapés que a deixam revoltada e, como os homens ela pensa em fugir daquela situação de miséria e violência. Outro aspecto que caracteriza essa humanização é o fato de Baleia possuir fluxo de consciência. O clímax é atingido quando ela, como as pessoas, imagina a existência de um mundo pós vida.

“Baleia queria dormir. Acordaria feliz num mundo cheios de preás. E lamperia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se espojariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria cheio de preás, gordos, enormes”. (VIDAS SECAS, 2008, p. 91)

Sinha Vitória aceita com paciência a realidade que lhe é imposta pela vida, o que a motivava era a fé em Deus e a vontade de conseguir a tão sonhada cama de lastro

de couro, que representava para ela a possibilidade de ser gente “*Não podiam dormir como gente*”.

Enquanto Fabiano oscila entre sua condição de homem e de animal, Sinha Vitória assume a liderança em relação ao rumo que a família deve tomar e decide a hora de partirem do local onde se encontram por não achar ali meios de sobrevivência. Daí ela ser vista por seu esposo como o “*único ser que o compreendia*”. Sinha Vitória é, portanto, a mulher que sofre, que reza, que em determinados momentos fraqueja, mas que não deixa a ternura de mãe e de esposa sair do coração.

Sinha Vitória tem consciência da condição em que vivem, mas também têm planos e ideais. O maior de seus sonhos é possuir uma cama de couro igual a de seu Tomás da Bolandeira. Para o marido um sonho impossível.

Apesar de sertanejo como já tinha afirmado Euclides da Cunha, ser “*antes de tudo um forte*” e “*antes de tudo um paciente*”, como disse Clarice Lispector, “*força e paciência tem limites*”. Assim, quando nova seca se anuncia, Sinha Vitória impele Fabiano a pensar no destino da família. O desejo de Sinha Vitória é virtuoso: rumo à cidade grande, Fabiano imagina as dificuldades pelas quais passarão, mas também pensa os meninos na escola, aprendendo coisas difíceis e necessárias. O sertanejo ainda é um idealista, e alimentando a esperança de um futuro melhor parte em direção ao sul.

“(…) Chegariam a uma terra desconhecida e civilizada, ficariam presos nela. E o sertão continuaria a mandar gente para lá. O sertão mandaria para a cidade homens fortes, brutos, como Fabiano, Sinha Vitória e os meninos. Pouco a pouco uma vida nova, ainda confusa se foi esboçando (...). Cultivaria um pedaço de terra. Mudar-se-iam para uma cidade, e os meninos freqüentando escolas, seriam diferentes deles”. (LINS, 1975, p. 134)

Embora seja uma obra dos anos 30, *Vidas Secas* continua atual, pois o cenário nordestino não mudou tanto assim e a imigração para os grandes centros do país é uma constante em nossos dias, o que não melhora em nada a vida desses seres humanos, só mudam da miséria rural nordestina, para a miséria das favelas dos grandes centros urbanos.

O flagelo social continua, crises climáticas acontecem e acontecerão, lançando o sertanejo em precárias condições sociais, políticas e econômicas.

O descaso do governo continua com a seca no Nordeste é um problema secular. A distância entre o sertanejo e o governo não existe apenas no romance “Vidas Secas”. Ela existe também no drama da vida real.

Pode-se concluir com isso, e agora parafraseando Arnaldo Jabor, que a seca não é ruim, ou melhor, a seca é boa para várias camadas sociais do país.

A seca só não é boa para o retirante que é obrigado a fugir para as grandes cidades onde se sujeita a várias humilhações, como apanhar comida no lixo para não morrer de fome.

O povo nordestino precisa de apoio do governo, porém o que eles querem e merecem é a oportunidade de trabalhar e ganhar a vida com dignidade com seus próprios esforços e capacidade.



**Palavras-chave:** Seca, Injustiça Social, Política, Desigualdade, Linguagem, Ideologia.

Os problemas sociais existem em todo o Nordeste, mas a culpa pela miséria da região sempre recaiu sobre o fenômeno das secas.

A **seca** além de ser um problema climático é uma situação que gera dificuldades sociais para as pessoas que habitam a região. As conseqüências mais evidentes das grandes secas são a fome, a desnutrição, a miséria e a migração para os grandes centros.

A seca é muitas vezes usada por políticos que de forma geral, costumam fazer **política** com o sofrimento e a miséria do povo. Alternativas existem, mas apresentar soluções para os problemas da seca significa abdicar dos benefícios da indústria de votos em que as populações pobres do Nordeste têm se tornado.

A difícil realidade do sertanejo diante do triste fenômeno supracitado se evidencia claramente no romance Vidas Secas - Graciliano Ramos. A **injustiça social** praticada pelos que assumem o poder retrata a realidade de inúmeras pessoas vítimas da **desigualdade**, do descaso social e da exploração humana.

A família apresentada: Fabiano, Sinha Vitória, os dois meninos (mais velho e mais novo) e a cachorra Baleia são flagelados retirantes que, no ápice do sofrimento ainda têm uma **ideologia** e vão à busca de seu sonho: casa para se abrigarem e trabalho para ganharem o suficiente para não morrer de fome.

Vidas Secas é uma obra onde as personagens não detêm uma **linguagem** desenvolvida, não há comunicação entre os mesmos, apenas grunhidos, mas a mensagem que o autor transmitiu ao leitor apresenta linguagem clara e objetiva que tenta sensibilizar quem lê para as causas sociais. Conhecer Vidas Secas é conhecer um pouco do sertão nordestino e conviver com Fabiano e sua família, questionando o porquê de tanta injustiça, pois na mesma

situação encontram-se muitos sertanejos em busca do mínimo que um ser humano pode querer: viver... dignamente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Alfredo. Histórias concisas da literatura brasileira. 32ª edição. Editora Cultrix, São Paulo: 1994.

CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento; A revolução de 1930 e a cultura. In: A educação pela noite e outros ensaios. 2ª Edição. São Paulo: Ática, 1989.

CASTRO, Dácio Antônio. Roteiro de Leitura: Vidas Secas de Graciliano Ramos. Editora Ática, São Paulo: 1997.

LINS, Álvaro. Valores e misérias das Vidas Secas. In: Os mortos de sobrecasaca. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

MAGALHÃES, Belmira. Vidas Secas: os desejos de Sinha Vitória. Curitiba: HD Editora, 2001.

MORAES, Dênis. O velho Graça. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

MOURÃO, Rui. “Vidas Secas”. In: Estruturas: ensaios sobre o romance de Graciliano Ramos. Belo Horizonte: Tendência, 1969.

RAMOS, Graciliano. Vidas Secas; posfácio de Álvaro Lins, ilustração de Aldemir Martins. 34ª edição – Rio de Janeiro: Record; São Paulo: Martins, 1975.

RAMOS, Graciliano. Vidas Secas; posfácio de Marilene Felinto 97ª edição – Rio de Janeiro: Record, 2003.

RAMOS, Graciliano. Vidas Secas. 104ª Edição – Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2008.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**; Rio de Janeiro: Record, 1997.